

A ESCOLA COMO PALCO PARA UTOPIAS

FIRMO, Yandra de Oliveira¹
yandrafirmino@gmail.com

BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro²

Resumo

Neste trabalho objetivamos compreender como as narrativas autorais, por meio do sociodrama³, podem contribuir para uma educação democrática, favorecendo a fruição do encontro, criatividade, interconectividade, consciência crítica e aprendizagem, tendo como protagonistas, alunos da educação básica. Realizamos esta investigação, por meio da concepção de educação como prática de liberdade de Paulo Freire e o método do sociodrama criado por Jacob L. Moreno. Indagamos de que maneira pode se considerar o sociodrama e suas narrativas, uma metodologia para pesquisa em Educação. Uma ação pedagógica intertranscultural que se fundamenta no ideário de uma educação crítica, democrática e libertadora, ou seja, contra opressores e mecanismos de opressão que impedem o jovem de ser protagonista de si no mundo mediante suas próprias experiências vividas.

Palavras-chave: Educação Básica; Sociodrama; Educação Libertadora.

Abstract

In this work we aim to understand how the author narratives, through the sociodrama, can contribute to a democratic education, favoring the enjoyment of encounter, creativity, interconnectivity, critical awareness and learning, having as protagonists students of basic education. We carry out this investigation, through the conception of education as practice of freedom of Paulo Freire and the method of the sociodrama created by Jacob L. Moreno. We inquire how sociodrama and its narratives can be considered, a methodology for research in Education. An intertranscultural pedagogical action based on the ideology of a critical, democratic and liberating education, that is, against oppressors and mechanisms of oppression that prevent young people from being protagonists of themselves in the world through their own experiences.

Keyword: Basic Education; Sociodrama; Liberating Education.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso na Linha de Pesquisa: - Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Arte Educadora. Mestre e Especialista em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Desenvolve suas atividades na área de Educação. Educação e Cidadania, Educação e Sociedade, Relações Raciais, Arte-Educação e Artes Cênicas, com interesse na arte como processo democrático e humanista. Professora Efetiva da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso. Telefone: (66) 99254 8122.

² Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão/UFMA (1984), Mestre em Educação na área de História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo/USP (1995), Doutora em Educação na área de História, Filosofia e Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP (2006). Desde 1994 encontra-se lotada no Depto. de Teoria e Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Mato Grosso atuando na Graduação em Pedagogia. A partir de 2007 vem exercendo atividades no Mestrado e a partir de 2015, no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Integrante da Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular e integrante do Grupo de Pesquisa: Movimentos Sociais e Educação (GPMSE). Temas de estudos e pesquisas atuais: Educação freireana, Gênero e sistema prisional, Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Emails: neta@ufmt.br e barrosneta@gmail.com

³ O sociodrama é um método criado por J. L. Moreno, no início do século XX. Propõe-se compreender os grupos e as relações intergrupais, seus conflitos e sofrimentos. É um método de pesquisa interventiva, que objetiva entender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da expressão/comunicação, tendo como ação principal a dramatização, buscando diminuir esses conflitos e os processos de contradição que existem nas relações entre indivíduos.



Resumen

En este trabajo pretendemos comprender cómo las narrativas autor, por medio del sociodrama, pueden contribuir a una educación democrática, favoreciendo la fruición del encuentro, creatividad, interconectividad, conciencia crítica y aprendizaje, teniendo como protagonistas, alumnos de la educación básica. Realizamos esta investigación, por medio de la concepción de educación como práctica de libertad de Paulo Freire y el método del sociodrama creado por Jacob L. Moreno. Indagamos de qué manera puede considerarse el sociodrama y sus narrativas, una metodología para investigación en Educación. Una acción pedagógica intertranscultural que se fundamenta en el ideario de una educación crítica, democrática y liberadora, o sea, contra opresores y mecanismos de opresión que impiden al joven de ser protagonista de sí en el mundo mediante sus propias experiencias vividas.

Palabras clave: Educación básica; sociodrama; educación liberadora.

Introdução

Os homens e as mulheres somos seres históricos precisamente porque mais, muito mais do que simplesmente ao mundo nos adaptamos, nos tornamos capazes, na própria história, de fazê-la e, assim, nos refazeremos. E não é possível fazer história e nela nos refazeremos sem sonho e sem utopia. Sem sonho e sem utopia o que uma geração chegada ao mundo teria a fazer seria simplesmente se ajustarão que encontrasse feito pela anterior.⁴

(FREIRE, 1991)

Este artigo é recorte de pesquisa em andamento que se está realizando em uma escola pública com alunos do primeiro ano do Ensino Médio, na cidade de Barra do Garças no Estado de Mato Grosso. Traçaremos um diálogo entre autores que presaram pelas narrativas autorais, que em seus métodos reconheceram e enalteceram o conhecimento, como algo que só pode ser construído a partir da própria experiência. Para atingir esse objetivo trazemos aqui o sociodrama criado por Jacob Levy Moreno e o legado de Paulo Freire, com ênfase na ação pedagógica da pedagogia do oprimido e da educação como prática de liberdade. Este campo de interação realiza-se a partir da concepção de educação freiriana, que percebe o indivíduo com possibilidade e capacidade para ser autônomo, crítico reflexivo e livre, objetivando desenvolver uma ação cultural para a promoção de todos e todas acreditando nas vocações .

Ao pensar a educação popular e democrática devemos ter como condição o desejo tenso da democracia em sua integralidade, em sua proposição de juízo de ser pública e gratuita, nas práticas participativas e colaborativas, que visam a emancipação coletiva frente aos mecanismos de poderes

⁴ Discurso proferido na Universidade Complutense de Madrid, em 16 de Dezembro de 1991, na ocasião em que agradece a outorga do título de Doutor *honoris causa* (FREIRE, [1991] 2017).



opressores, nas práxis pedagógicas, na interconectividade, em um projeto intertranscultural⁵, na composição e criação de vivências sensíveis e humanizadoras. O movimento de construção para educação democrática prenuncia autonomia e emancipação, expressão social sensível, construções e valorização de saberes para dignidade e justiça social.

A escola é um ambiente de relações sociais e humanas, assim sendo, a educação não pode ser vista como um aprestamento, nem resignação. Educação é presença, existência, é viver e florescer, avolumar-se e prosperar.

Essa essência, essa alma de engrandecer-se continuamente, de *estar sendo* com o mundo não pode ser suplementar a nenhuma outra intenção, salvaguardando os desígnios de ser mais, do ser vivente, de mais fruição de sentimentos e desejos pelo aprendizado, pelos sonhos e pelo empoderamento no mundo vivido, por meio da promoção da emancipação, da autonomia e das capacidades.

Desacertadamente podemos ouvir discursos rasos de que democracia na educação está ligada apenas ao acesso, mas nos referimos aqui a outros princípios caros ao processo de construção de conhecimento. Estamos falando da escola como lugar para despertar o desejo de aprender, e este aprendizado refere-se a distintas composições, não apenas um espaço para a aquisição da informação ou de dados científicos. Inapropriadamente por vezes, a sociedade delega a competência da escola como transmissora de conhecimentos, e podemos até nos iludirmos com isso, afinal equivocadamente chamamos a sociedade em que vivemos hoje de “sociedade do conhecimento”, o que nos assenta a traiçoeira ideia do conhecimento democratizado, ou conhecimento para todos, mas este vai muito além dos livros didáticos, memorandos, anúncios, referências e conceitos científicos.

Podemos dizer que o conhecimento para a aprendizagem é muito mais que isso, o conhecimento do qual estamos falando precisa de sentido para indubitabilidade de aprender. É preciso fazer da sala de aula um espaço de fruição de significados a valores, atitudes, ciências, tecnologias, artes e linguagens sensíveis é sem dúvida uma tarefa laboriosa, mas grandiosamente plena para educadores comprometidos com a democracia.

Quando falamos de educação democrática, lançamos nossos olhares para uma educação para a emancipação, sendo esta para os saberes, para os afetos para as conquistas e sonhos, para empoderamento social, político e afetivo.

⁵ O conceito de intertransculturalidade foi criado pelo professor Paulo Roberto Padilha, que constrói uma perspectiva de educação que vai além das fronteiras, evidenciando a complexidade da interação e da interconexão de pessoas com culturas diferentes coabitando em um mesmo espaço-tempo. A busca por essa forma de pensar traz para a escola um novo enfoque no que se refere à organização de seu trabalho e também à elaboração de um currículo que privilegie essa nova tendência do mundo globalizado. No entanto, para que isso aconteça, é necessário retomar e ressignificar o contexto escolar, a fim de que este espaço possa conviver com a multiplicidade cultural, criando um ambiente propício para a formação plena do cidadão.



A palavra “**emancipar**” vem de *ex-manus* ou de *ex-mancipium*. *Ex* (indica a ideia de “saída” ou de “retirada”) e *manus* (“mão”, simbolizando poder). Emancipar seria então “retirar a mão que agarra”, “libertar, abrir mão de poderes”, significa “pôr fora de tutela”. *Ex-manus* (foramão), significa “pôr fora do alcance da mão”. Emancipar-se é, então, dizer a quem nos oprime: “tire a sua mão de cima de mim!”. Emancipar-se é, então, conquistar liberdade, autonomia, independência, não apenas política, mas também econômica. Não pode estar emancipado aquele que passa fome, que não tem um teto, que não tem o que vestir (GADOTTI, 2012, p. s/n.).⁶

E essas conquistas são possíveis a partir de uma educação respeitosa e rigorosa com o elogio ao diálogo, uma educação de valorização de culturas, identidades, histórias pessoais e modos de ser e viver o mundo. Poeticamente podemos criar está imagem das mãos que saem sobre os ombros oprimidos e partem de mãos dadas, lado a lado e passo a passo. Mas como caminhar de mãos dadas sobre solos antidemocráticos na educação? É preciso tentar encontrar novas respostas para velhas perguntas. É preciso olhar para o *inédito viável*⁷ de Freire. A realização de sonhos possíveis.

Podemos lançar nossos passos, nossos olhares e nossas mãos de acolhimento e trabalho para as ações coletivas e colaborativas, realizações inquietantes democraticamente que também podem ser nominados como atos-limites (FREIRE, 2005, p.106), isto é, são estratégias inventivas e presenças criadoras, que devem servir de superação das oposições e vicissitudes (situações-limites)⁸, a negação da aceitação mansa e subserviente, requerendo dessa forma uma postura decidida frente ao mundo. Para Freire (2005) a partir da compreensão e criação dos atos-limites⁹, caminhamos para a inventividade e fruição dos inéditos, para a realização de sonhos possíveis, para a utopia na ação pedagógica possibilitando um movimento de conscientização.

Atos-limites é uma expressão que Freire (2005, p. 106) traz em *Pedagogia do Oprimido*, para se referir “aqueles que se dirigem à superação e à negação do dado, em lugar de implicarem sua aceitação dócil e passiva”. Podemos dizer que Freire anuncia que os entendimentos e soluções para as

⁶ II FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA *Democratização, emancipação e sustentabilidade*, Florianópolis, 28 de maio a 1 de junho de 2012.

⁷ (...) os temas se encontram encobertos pelas “situações-limites” que se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face as quais não lhes cabe outra alternativa, senão adaptar-se. Desta forma, os homens [e mulheres] não chegam a transcender as “situações-limites” e a descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o “ inédito- viável”(FREIRE, 1995, p. 110)

⁸ Situações- Limites são constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos e , ao mesmo tempo, levando-os a perceberem como *fatalismo* aquilo que lhes está acontecendo. Como não conseguem afastar-se disso, nem se percebem com algum empowerment, aceitam o que lhes é imposto, submetendo-se aos acontecimentos. Eles não têm consciência de sua submissão porque as próprias situações-limites fazem com que cada um sinta-se impotente diante do que lhe acontece. Não percebendo as contradições em que estão mergulhados, não enxergam possibilidades de romper com tudo aquilo que os torna submissos, nem tão pouco conseguem perceber como poderiam responder de um outro modo às tarefas que essas situações-limites exigem.(OSOWSKI, C., 2016, in Dicionário Paulo Freire, p. 375)

⁹ Ações necessárias para romper com as “situações-limites”, isto é, os atos “que se dirigem à superação e à negação dado, em lugar de implicarem na sua aceitação dócil e passiva” (FREIRE, 1975, p, 106)



limitações das práticas opressivas, se dão por meio das ações libertadoras, como a valentia para o enfrentamento de injustiças, da coragem do contradizer, da não aceitação da opressão e da negação à submissão e violência, mas também de ações para a amorosidade, alegria, conectividade e esperança.

São a partir desses atos-limites que se constituem os inéditos-viáveis, ou seja, as práxis transformadoras dos mundos que caminham de mãos dadas com a democracia. Trazemos aqui a definição da categoria *inédito-viável* descrita por Ana Maria Araújo Freire, na obra *Pedagogia da Esperança* (2016, p. 275-279). Utilizamos-nos desse referencial para compreendermos o conceito a partir da autora, que apresenta na parte final da obra, que é em si uma exaltação à esperança, à explicação do termo *inédito-viável* cunhado por Freire na obra *Pedagogia do Oprimido* (2005), que este ano completa cinquenta anos de sua primeira edição.

Esse inédito viável é, pois, em última instância algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora (...). O "inédito-viável" é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um "percebido destacado" pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (FREIRE, 2016, p.279)

Pensamos que um dos caminhos para nossas utopias, nossos inéditos viáveis, nossos sonhos possíveis para uma educação democrática, educação cidadã, educação para a emancipação é a escuta sensível e respeitosa para com nossos aprendizes, é preciso ouvir para pulsar vigorosamente o desejo do diálogo, e a partir daí buscarmos com que cada um aprenda a dizer a sua palavra. Ernani Maria Fiori no prefácio da *Pedagogia do Oprimido* que intitulou "Aprender a dizer a sua palavra"¹⁰, afirma que a palavra serve "para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar a sua história" (FREIRE, 2005, p.12).

Pensar uma educação democrática é refletir sobre processos singulares e presenças criadoras que desfazem o silenciamento que é esmagador, que dilacera a alma, que impede o conhecimento, excluem e cerceiam histórias de vida. Essa desconstrução educativa, esse desfazimento se dá a partir de inventividades e conectividades que promovem ações e que motivem os aprendizes a dizerem suas palavras através do diálogo emancipador.

Neste trabalho trazemos nossos olhares para a educação democrática por meio do exercício do diálogo, da palavra/reflexão e ação. Buscamos a compreensão de que a partir de realizações participativas podemos vivenciar coletivamente momentos que quebrem a cultura do silêncio na

¹⁰ Para o autor Fabio da Purificação Bastos (2016) a palavra no conceito freiriano tem duas dimensões a ação e reflexão, A prática reflexiva a partir do diálogo mediatizado pelo mundo.



educação e isso é um ato democrático. Compartilhamos com o pensamento de Lilian Celiberti que ao falar sobre participação e democracia afirma:

A participação é uma forma de viver a democracia e ela abarca as práticas anômalas e subversivas que vivem no plano subjetivo e pessoal, aquelas coisas que fazem as formas de sentir e amar, as formas de viver e criar comunidade. Nesse sentido, a participação democrática abarca a sociedade em seu conjunto, as meninas e os meninos nos centros educativos, em seus domicílios e na sociedade, os adolescentes e os jovens, as mulheres, os gays, lésbicas, os transexuais, os transgêneros, os atores políticos e sociais, mas também a quem constrói cultura, poesia e arte (CELIBERTI, 2005, p. 56).

E é a partir deste construir juntos com arte e poesia que pensamos o sociodrama na educação como um caminho para possibilidades de ações democráticas e presenças criativas tentando fomentar e promover a aprendizagem mediante a qual aprendizes possam dizer suas palavras.

Pensamos que a educação é essencial para fruição social, para partilhar não só dos ambientes em comum, mas de um universo imaterial, sensível, que são nossas percepções, imagens e sensações de estarmos vivos no mundo, com o mundo e como este nos habita e nos cerca.

Grandes e profundas transformações e contradições vêm marcando acentuadamente a sociedade e a educação passam a ser um decodificador dessas manifestações. Neste contexto, vários indicadores têm revelado que a esta vive um processo intenso e rápido de mudanças, por isso, devemos estar atentos às duras ameaças ao rompimento dos processos democráticos no ambiente escolar. Desse modo, faz-se necessária discussão urgente sobre temas como, aspectos da vulnerabilidade da justiça social, características de opressão impostas pelas classes políticas dominantes e as consequências sofridas pelas classes desfavorecidas socialmente. Ou seja, a luta por uma educação intertranscultural torna-se necessária estar na arena de debates, desdobrando-se em propostas pedagogicamente engajadas, que apostam no potencial transformador da aprendizagem.

Pensar uma prática pedagógica humanista é vislumbrar um protagonismo, inventividades criativas e reconhecimento das narrativas sensíveis, o dizer a própria palavra de jovens na escola, sendo estas valorizadas e estimuladas a serem expressas em distintas linguagens, podendo intervir no processo de aprendizagem e autonomia juvenil, promovendo espaços para o afeto, acolhimento, consciência crítica e emancipação.

Podemos dizer que a narrativa sempre foi um tema privilegiado para a vida sensível, muitas culturas percebem-na como: um objeto próprio do sensível e do viver, pois é a partir de sua percepção que se vive cotidianamente uma experiência estética pessoal, social e política.



Este trabalho propõe trazer o olhar para as narrativas sensíveis, e fulgentes de jovens alunos a partir do método do sociodrama, em que propomos a intencionalidade, a ação/expressão e a reflexão do narrar sociodramaticamente a partir de suas próprias histórias e de suas anunciações.

Freire propôs um processo cuja matriz é o diálogo respeitoso do saber, se distanciando das colonizações culturais, da opressão, aclamando a fraternidade e a liberdade, pautando-se na colaboração, união e síntese cultural¹¹, assim como o sociodrama, que tem em suas raízes cognitivas a possibilidade da superação do senso comum e emancipação crítica, o reconhecimento do eu, a percepção e ação dos papéis e o entendimento do mundo. Em Freire esta autonomia está presente na definição de vocação ontológica de *ser mais* que está associada com a capacidade de transformar e restaurar a si e o mundo. Para Freire:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos: O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação. O segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia em processo permanente de libertação (FREIRE, 2005, p.21).

Pensamos as ações sensíveis na educação como um possível caminho da experiência que nos eleva para a consciência. Este ato de ser consciência se traduz em intencionalidade, e cremos que para o sociodrama é a partir desta intencionalidade que nos transformamos. Pensamos na experiência vivida para compreender como a linguagem sensível expressa na educação pode promover autonomia e emancipação, uma passagem da consciência ingênua para a consciência crítica de aprendizes da educação básica. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire define a autonomia como algo que:

Vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. (...) A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (Freire, 1996, p. 107)

¹¹ Paulo Freire propõe: “Na síntese cultural, onde não há expectadores, a realidade a ser transformada para a libertação é a incidência da ação (...). Isto implica em que a síntese cultural é a modalidade de ação com que se fará frente à força da própria cultura, enquanto mantenedora das estruturas (...). Este modo de ação cultural se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante”. (FREIRE, 2013, p. 86, 87).



Buscamos reconhecer a intencionalidade a partir da experiência vivida, reverberando nas reflexões dos saberes, delineando uma aprendizagem sensível, que pode vir a colaborar para uma educação como prática de liberdade. Objetivando a educação por meio da experiência é que evocamos o método do sociodrama, que neste momento voltamos para uma breve apresentação do que vem a ser o método sociodramático e seus fundamentos. Procuramos compreender por meio das palavras de Jacob Levi Moreno, seu criador, a origem e citaremos algumas das fundamentações teóricas e práticas.

Narrativas fulgentes: um diálogo com o mundo

A Utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a Utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (Eduardo Galeano).

O sociodrama é um método de intervenção social democrático em que todos os participantes têm a liberdade de fala, de ação e reflexão respeitadas, os procedimentos sociodramáticos¹² enfatizam a vivência do drama, ou seja, a partir das narrativas surgem as dramatizações de cenas criadas pelos participantes, possibilitando a observação, compreensão e crítica colaborativa sobre um determinado tema.

Podemos dizer que o efeito transformador pedagógico surge da *catarse de integração*¹³ dos papéis sociais que são representados na ação dramática, possibilitando que todos possam ver as cenas e busquem uma melhor compreensão e reflexão coletiva, assim, trazem para o grupo a espontaneidade para uma ressignificação e restauração de novas ações, tomadas de decisões frente a tais enfrentamentos por meio da conscientização¹⁴. Trazemos ao texto a narrativa de um dos aprendizes integrantes deste grupo de trabalho:

¹² O sociodrama surgiu com os problemas psicológicos e sociais legados pela primeira Guerra Mundial, quando Moreno á exercia a profissão de médico e diretor teatral e buscava encontrar ações que coletivamente pudessem interferir nas transformações e mudanças ocorridas devido às catástrofes da Guerra que foram internalizadas e socializadas e feriam tanto as crianças, como os jovens e adultos, chegando o autor a dizer que “só sobreviverá o homem espontâneo e criativo”. Moreno clamava que seu desejo era criar um palco social para expurgar as dores dos pequenos grupos. Moreno (1975, p.39) destaca os seguintes conceitos que, no seu entender, seriam “a ciência dos fenômenos sociais”.

¹³ Entende-se por catarse de integração o fenômeno que possibilita a liberação de papéis cristalizados em impressões inadequadas e a conseqüente facilidade em assumir novas condutas (MENEGAZZO, TOMASINI & ZURETTI, 1995). No espaço para a ação, os papéis sociais tornam-se sociodramáticos, pois os atores vivem uma realidade suplementar propiciadora de um texto único, *in status nascendi*, criado coletivamente.

¹⁴ A conscientização é uma categoria freiriana que evidencia o processo de formação de uma consciência crítica em relação aos fenômenos da realidade objetiva. Nesse sentido, a transformação social passa imprescindivelmente pelo desenvolvimento coletivo de uma consciência crítica sobre o real, e, portanto, pela superação das formas de consciência ingênua. É importante que, nesse processo de conscientização, os sujeitos se reconheçam no mundo e com o mundo, havendo a possibilidade de que, na transformação do mundo,



Falar sobre nós mesmos, ouvir as histórias de meus colegas e ver estas histórias no teatro, me fazem me ver melhor e me fazem me ver melhor com o que eu faço no mundo, eu me vejo no mundo, como se a cena fosse o meu espelho, sozinho eu nunca tinha me visto assim. É como se um rapper, um escritor, alguém dissesse como é a minha história. (Depoimento de um aprendiz participante do encontro).

No sociodrama, tecnicamente, o diretor ou mediador sugere que sigam as etapas propostas por Moreno (1975) para que todos os membros do grupo se mobilizem e participem do encontro. As etapas são: 1) aquecimento: fase de preparação dos participantes para ativamente refletirem e vivenciarem os temas a serem tratados; 2) dramatização: etapa do auge da fruição, da discussão ou da vivência por meio de cenas dramáticas, representadas pelos atores sociais do grupo. Essa etapa visa à compreensão fenomenológica do conflito e as suas tentativas de desembaraço; 3) compartilhar: momento em que os participantes analisam as repercussões do encontro, as descrições compartilhadas de suas imagens e sensações; 4) processamento teórico: momento em que o diretor faz a leitura sicionômica e traz alguns apontamentos por meio de uma compreensão social. Ressaltamos que o sociodrama acolhe distintas linguagens artísticas sensíveis em seu método, como a música, a dança, as artes visuais e audiovisuais com dissemelhantes desdobramentos.

Crê-se que a narrativa sensivelmente dramatizada traz uma abertura para o estado de espontaneidade criativa pelo qual o protagonista recria sua história, a ressignifica e/ou a restaura, distanciando-se dos processos estereotipados e rotulados que, muitas vezes, são dominantes nos conflitos do cotidiano escolar. Refletimos sobre o conceito de espontaneidade, segundo o olhar de Alfredo Naffah (1979, p.60):

A espontaneidade é função do momento presente, ela expressa a relação de compromisso existente entre o sujeito e o mundo, relação esta que é parte presente, pois o sujeito é, antes de tudo, um corpo percipiente e agente, uma presença corpórea que participa das contínuas transformações da sociedade. E, nesse sentido, espontaneidade significa antes de tudo, consciência corporal, não aquele tipo de consciência de um corpo estático ou estético, mas a consciência do corpo em ação, do corpo em situação, do corpo comprometido, responsável, capaz de dar uma nova resposta a uma velha pergunta.

transformem a si mesmos. Num sentido político, o conceito de conscientização da qual fala Freire abrange a consciência de classe, como o processo pelo qual as classes desfavorecidas se identificam enquanto classe e também reconhecem na realidade as relações que as oprimem e as exploram, impedindo-as, conforme termo de Freire, na permanente busca de “ser mais”. É assim que a Educação, sem a qual a transformação não se faz, quando voltada diretamente para uma prática da liberdade inclui, nesse processo, necessariamente o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à realidade que condiciona os seres humanos socialmente. Nesse sentido, a formação de uma consciência crítica coletiva é a condição fundamental para a transformação, ou seja, a base de sustentação para a produção de uma nova organização social onde não se negue aos seres humanos a sua razão de existir: a busca constante do vir-a-ser, ou o ser-mais. (DAMO, VELEDA MOURA y GAUTERIO CRUZ. **Conscientização em Paulo Freire:** consciência, transformação e liberdade, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, enero, 2011).



Compreendemos que por meio da fruição dos fazeres espontâneos na educação, podemos vir a ter por pedagogia libertadora e emancipadora de caráter democrático, que para Freire é um movimento que pode e deve ser muito mais do que um processo mecânico de repetições e capacitações, um processo que nasce da observação, da reflexão e da experiência vivida que culmina na ação transformadora¹⁵.

Buscamos o sentido que o sociodrama pode apresentar enquanto prática social democrática como função cognitiva e transformação cultural. Podemos dizer que o conceito de espontaneidade para o sociodrama, está muito próximo do entendimento por aprender a dizer a palavra de Freire.

Para Moreno (1975), o homem nasce espontâneo e deixa de sê-lo devido aos fatores adversos do meio social. Estas barreiras para o desenvolvimento de sua espontaneidade localizam-se nos ambientes socioafetivos, por isso, neste trabalho, trazemos a personificação da escola e de seus indivíduos. Para Camila Salles Gonçalves, que empenha seus trabalhos nos estudos psicodramáticos e sociodramáticos, afirma:

A espontaneidade é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas (...). Nesse sentido ser espontâneo significa estar presente às situações configurações pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios (1988, p.47) [grifos do autor].

Torna-se importante ter uma atenção ao termo *adequado*, não se trata de sermos disponíveis a um padrão do certo ou errado ou do moldado, mas sim uma resposta criativa para uma situação adversa ou nova, uma resposta que tenha significados de transformações frente a uma infixidez, uma desestabilização.

É sobre o olhar para atitudes de pensamento generalista e estigmatizado, fixo e inalterável, que voltamos os olhos. A espontaneidade, em posição contrária ao que Moreno (1984) intitulou como *conserva cultural*, que leva o indivíduo a sempre reproduzir comportamentos pré-estabelecidos pela cultura na qual se insere.

Pensamos ser possível intervir no cotidiano escolar para fazer manar a espontaneidade e criatividade dos alunos, por vezes, adormecidas e silenciadas por mecanismos opressores e, consigam, desse modo, minimizar imagens e sensações doloridas, rompendo com os estigmas de uma cultura de opressão. Para isto, apostamos no compartilhar histórias vividas, nas narrativas sensíveis e na sua

¹⁵ “A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo encha de conteúdo; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens [e mulheres] como corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo”. (FREIRE, 1982, p77).



dramatização e ou produções em que se emerge um protagonista e as cenas são construídas e reconstruídas a partir da espontaneidade, criatividade e sensibilidade da plateia e dos atores em cena.

O grupo é provocado a se libertar de dramas sociais e despertar para um encontro de esperança e amorosidade, como sugere a narrativa a seguir:

Professora o meu corpo é assim, eu me acho feia, mas eu descobri que ele fala tantas histórias, fala sobre o que as pessoas pensam sobre cabelo, o que as pessoas pensam por ser negra, o que as pessoas falam de quem é gorda. Eu sou isso, sou tudo isso e eu vendo as meninas encenarem a minha história, eu me vi diferente do que eu me via antes! Eu não gosto nem de sair muito de casa. Aqui na sala eu gosto de ficar lá no fundo, não quero que meu corpo apareça muito. Um dia uma professora falou para eu prender meu cabelo quando eu viesse para a escola, porque meu cabelo atrapalhava, que cabelos como o meu é bom ficar amarrado! Mas hoje adorei me ver assim, mais cheia de história para contar, descobri que muitas das minhas histórias outras meninas aqui já passaram, tudo aqui foi como se fosse um filme! Não é legal? (Depoimento de uma aprendiz participante do encontro).

Para Moreno (1975), o protagonista é desafiado a reagir, com correspondência a sua identidade, propondo uma nova situação, ou descaracterizando e rompendo com uma antiga, a fim de provocar uma mobilização para sua vida e a da plateia que o assiste. É uma forma de restauração e conscientização que opera no *aqui e agora*. Na dramatização, a utilização das dimensões da expressão como a atuação do corpo e da palavra são respostas criativas às situações já vividas, mas que necessitam de rupturas.

Em toda a história do teatro, desde as formas mais rudimentares de que se tem notícia, existe um traço comum: a narrativa aponta para conflitos existenciais propondo uma compreensão do existir e de nossas relações com o outro, seja no âmbito psicossomático, psicodramático ou social.

No sociodrama somos apresentados a complexas relações entre corpo, memória e sociedade. Como sujeitos, somos efeitos dessas relações que estão sempre se deslocando em gestos de resistência. Contar nossas próprias histórias pode nos arrancar do imobilismo. Nessas elaborações, há o papel da plateia que logo traça um sentido de identificação, quando se permite chegar à vivência da experiência profunda de integração com a vida, o que, para Moreno (1975), é nesse território da narrativa dramatizada que se é possível encontrar um dos princípios da mudança através da cena: a *catarse*.

O pensamento moreniano aponta a *catarse* como meio de realização coletiva para ressignificação das histórias dos sujeitos de um meio social. Preferiu, por isso, cunhar o termo, *catarse da integração*. Para compreendê-lo, é necessário que se considere que o evento sociodramático se constitui, principalmente, em uma ação dramática de realização colaborativa e a *catarse* acontece tanto para os atores protagonistas que estão em cena como para a plateia que assiste.



Na visão sociodramática, o protagonista é um camarada, um emissário da comunidade, ele empresta ao coletivo o seu corpo, sua voz, a sua história pessoal, os seus sonhos e sofreres. Para o sociodrama, este personagem principal é o que seria para o teatro clássico, o herói, o indígete, nos encontros sociodramáticos, é o grupo ou um indivíduo, muitas vezes escolhido por ser capaz de representar os manifestos coletivos a partir das narrativas.

Sendo assim, por meio do protagonista¹⁶, o grupo se expressa, a narrativa dramática é construída a partir do problema trazido pelo interprete ou pelo qual irá representar e coletivamente serão trazidas possibilidades de soluções e resoluções sobre o tema abordado. Nesta mesma direção, Moisés Aguiar complementa, “o verdadeiro protagonismo propicia, pois, um primeiro momento de integração: é o grupo que se integra na tarefa de construir a cena; é o herói que supera a sua individualidade para viver nela o coletivo” (1990, p.19).

No sociodrama, a busca de um grupo por temas específicos, a integração pode se tornar mais fácil, pois são narradas histórias vividas por seus integrantes ou que de alguma forma permeiam suas vidas. É possível perceber que as manifestações sejam de opressão ou de amorosidades e alegrias quando compartilhadas, rapidamente são identificadas por integrantes do grupo, o que nos permite dizer que vêm a ser a repetição da experiência que muitas vezes, reverberam com boniteza e prazer.

Creemos no impulso afetivo, na incitação das emoções que manam do processo grupal, interrelacional na expressão da cena, da performance, no aqui e agora. Depositamos nossa confiança no que Moreno intitulou como *Tele*¹⁷, na ação tética¹⁸ e transferencial entre os atores do grupo. A possibilidade de reestruturação intelectual e afetiva das estruturas psíquicas, a potencialização dos papéis sociais e psicodramáticos, o florescer de novas possibilidades de ser e estar com o mundo. O entusiasmo, o fascínio, os ânimos, as afeições e as emoções compartilhados promovem com grandeza a voz e a escuta daquilo que caminhava para o silenciamento, o que vinha sendo evitado. Pode vir a ter uma personificação, uma epifania, um sopro, um elã, não só em relação a si mesmo, mas também ao grupo. A voz que se anuncia o aprender a dizer a sua palavra.

¹⁶“Protagonista. É o ator central da dramatização. O termo protagonista foi tomado do teatro grego e significa, etimologicamente, aquele que se oferece à ação em primeiro lugar, aquele que se oferece para nascer ou morrer a serviço dos outros. As duas acepções são instrumentalmente válidas. O protagonista é o líder da dramatização, oferece seu próprio drama íntimo, sua própria investigação dramática em prol da investigação grupal.”(Menegazzo, 1995, p. 172)

¹⁷ Faculdade humana de comunicar afetos a distancia. Moreno, em sua preocupação de facilitar o estudo dos fenômenos téticos, propõe estudá-los explorando suas proporções em unidades, e por isso chamou de tele a unidade mais simples de afeto transmitida de um indivíduo para o outro. Na sociometria foram estudadas como fatores sociogravitacionais que operam transpessoalmente de um indivíduo a outro, induzindo-os a estabelecer relações (positivas ou negativas), e assim formando pares, triângulos, círculos, cadeias e etc.(MENEGAZZO, 1995, p. 207).

¹⁸ O conceito de *tele*, ou inter-relação tética, é definido por Moreno (1975) como uma percepção interna mútua entre dois indivíduos.



O sociodrama como metodologia que se ancora em princípios tais que: a construção de relações democráticas; plena e ativa participação dos sujeitos; valorização e reconhecimento dos direitos individuais, culturais, étnicos, e das minorias em políticas públicas e sociais; tolerância a opiniões divergentes e a deferência de que o indivíduo muda suas atitudes com mais facilidade e consciência quando interage em decisões grupais. No sociodrama este movimento é nomeado de *encontro*, que pode vir a ser singular para a educação democrática. Para entender como o *encontro* se dá, vamos ouvir as palavras de Gonçalves:

O Encontro é um apelo para a sensibilidade do próximo. É um convite para a vivência simultânea e “biempática”. A posição e a convocação para a proximidade, a proposta de uma vivência de troca, o empenho na compreensão mútua, a confiança na reciprocidade do outro; a acolhida do silêncio que envolve o acontecimento, do qual até as coisas mais simples parecem tornar-se cúmplices, o afastamento efetivo do ruído, das interferências que distorcem; na experiência radical de convivência revelasse a ausência de limitação da verdadeira essência humana (1988, p.54).

Para o sociodrama, nestes momentos, quando vamos tratar com crenças tão arraigadas, são importantes as presenças dos protagonistas e de antagonistas. Não estamos aqui para disseminar uma ideia maniqueísta de heróis e vilões, mas estes personagens são necessários para germinar e afervorar dúvidas, incertezas, inquietações e perplexidades e serem porta-voz de outros focos éticos, bem como promover a tolerância e consciência crítica.

Neste momento pensamos ser oportuno trazer um dos, entre tantos, pontos de ligação que unem os autores que constroem esta bibliografia. Para Moreno todos nós, homens e mulheres, todo e qualquer indivíduo, possuímos algum tipo de barreira, seja social, intelectual ou psíquica, porém nos dispomos ao enfrentamento, a lutar, sendo que a figura do oprimido só se compõe devido à figura do opressor, desta forma, toda sorte de opressão advinda deste sujeito é o motriz para o sociodrama, que se empenha veementemente a buscar alternativas ou tentativas para desvendar os despropósitos de tais opressões. Para reafirmarmos o diálogo trazemos aqui o olhar de Freire:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos- libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 2005, p.30)



É necessário que nossos alunos saibam dizer as suas próprias palavras, que se desembarquem de mecanismos de reproduções sociais e se coloquem a partir de uma consciência crítica, que se distancie de consciências ingênuas e tomem para si as próprias histórias. Refletimos que a escola, mesmo sendo considerada como propulsora de oportunidades para uma vida melhor, pode também ser um local de exclusão social, pois pode acontecer de indivíduos serem silenciados, discriminados, marginalizados e estigmatizados, o que compromete o pleno exercício de sua cidadania, dignidade e bem estar social e, em consequência, o acesso ao estudo, profissionalização, cultura e outros bens e serviços que devem ser acessíveis a qualquer cidadão.

Os processos que vão contra, a amorosidade, a liberdade e a autonomia no ambiente escolar e as perspectivas fora dele só podem ser estabelecidos se forem vistos como força dotada de diversas facetas nas esferas intraescolares: psicológicas, físicas, sociais e políticas.

A percepção do que podemos chamar de violência, sob o signo sociodramático pode ser pensada em todas as suas implicações que ferem e desprezam a ação ética, quando se compreende que toda manifestação de agressão e cerceamento à dignidade humana e justiça social são atos intensos e agressivos. Sendo assim, compreendemos que isso se apresenta na medida em que se a entende como a privação imposta ao outro e se expressa desde os condicionantes psíquicos e materiais.

O sociodrama aqui empregado enfatiza a conscientização dos papéis sociais aprendidos pelos sujeitos. Buscamos desse modo, um processo de subversão da opressão vivida. Em primeiro lugar, possibilitando a fala sobre tais ações e, depois, a troca de posições dos agentes sociais e o compartilhar da experiência vivida, intentando assim a possibilidade do desabrochar de experiências libertadoras.

A narrativa dramatizada, a partir das técnicas sociodramáticas e do teatro espontâneo, pode ser definida como um método profundo de ação para a abordagem da relação intergrupal e de ideologia coletiva. Quando podemos pensar que o verdadeiro sujeito é o grupo e que a grande questão é como trabalhar arranjos culturais por meio de métodos dramáticos, apegamo-nos à ideia de que todo ser humano é um jogador de papéis. Sendo assim é que cada ator social poderá intervir no processo grupal a partir da vivência e compreensão dos papéis sociais.

A narrativa dramatizada possibilita a reciprocidade e mutualidade, um *halo* que une as individualidades, pois tem a função de reconstruir e restaurar a realidade vivida tanto no campo individual, como no grupal, colocando em ação os papéis sociais implicados.

Para Moreno, o conceito de *papel* tem sua inspiração no teatro a partir da concepção de que o homem é um ser fundamentalmente social e que esta sociabilidade se desdobra para todas as dimensões da vida, o que nos faz sermos seres capazes de nos inter-relacionarmos, sendo que estas interações só são possíveis por intermédio dos papéis sociais que desempenhamos que podem ser narrados e sobre os quais podemos refletir. Para Moreno “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras



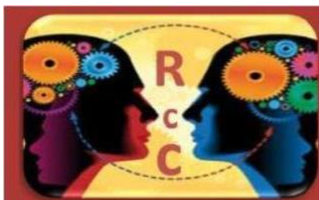
pessoas ou objetos estão envolvidos” (1975, p.27). Tal concepção entende que o existir humano é um viver em coletividade. É por meio deste conceito que o ser humano edifica sua vida. A tomada de decisão para um olhar com o outro se fez possível pela inter-relação com o grupo, pela troca de papel, pela escuta, pelas narrativas, pelas dramatizações, do compartilhar, do processar as relações. Enfim, pela possibilidade de *estar* com o outro.

Considerações Finais

Com base nos estudos que fizemos até aqui, pensamos que o sociodrama possibilita a concepção social de uma vida mais harmônica entre indivíduos e grupos. Os atores sociais que formam a rede sociométrica da escola podem, pela dramatização de narrativas, ter a oportunidade de interiorizar e exteriorizar imagens e sensações que estabelecem comportamentos regidos por uma conserva cultural e que, antes, a vida, ainda, não lhes havia mostrado. Têm a possibilidade de reencontrar e reorganizar os elementos dispersos e de ganharem novos sentidos e consciências críticas e transformadoras e, assim, ressignificar e restaurar comportamentos em face de atitudes opressoras estes, por sua vez, distanciar-se-ão dos papéis cristalizados muitas vezes, de maus alunos, indisciplinados, briguentos, dispersos, desinteressados e de má índole, estigma que os levam a reprimendas sociológicas, pedagógicas e a males psíquicos e sociais.

Podemos dizer que o sociodrama ajuda a desvelar os mitos que enganam grande parte da população; e isso já é, em si, uma postura política de cunho dialógico, emancipador, libertador e democrático, como também de desconstrução da estrutura dominante de opressão, classificação e exclusão social. Pensamos que este pode vir a ser um poderoso método de pesquisa para as Ciências da Educação, pois este não só nos apresenta dados como possibilita transformações profundas a partir de sua ação. Com base nos pressupostos ideológicos de uma educação emancipatória e democrática e no arsenal do sociodrama, compreendemos que o resultado do processo de conscientização pode vir a ser um caminho para o exercício da democracia para estes jovens, pois na medida em que estes questionam, refletem e atuam criticamente na sociedade, seja no campo da ficção ou do real, pode vir a não somente transformá-la, mas estarão também se transformando, e atuando de forma democrática. Concordamos com Freire ao afirmar que “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1996, p.19).

Pensamos que o sociodrama pode vir a fazer com que o jovem aprendiz torne-se consciente em um processo permanente de revisão do seu quê-fazer-humano, na sua atitude de inquietação, indignação, mas também de esperança perante o mundo.



Podemos dizer que o pensamento, as denúncias, reflexões, razões freirianas são primorosas e vitais para as práticas humanizadoras e libertadoras na educação. Acentuamos em dizer que quando se propõe um trabalho de narrativa sensível que garanta o desenvolvimento constituinte vivente de um ser, respeitando e acompanhando seu desvelamento pleno, é preciso embeber-se, molhar-se, por alguns dos muitos princípios, meditações e reflexões de Freire. Acreditamos que encontramos alguns saberes que têm propensão íntima com as experiências sensíveis: o viver do inacabamento, ter gosto por escutar, para o diálogo, a redenção para a humanização, a amorosidade, e libertação entre tantos outros. São estes entendimentos vivos nas experiências compartilhadas, que se tornam conteúdos éticos, estéticos, pedagógicos inevitáveis a serem desenvolvidos no cotidiano escolar.

Referências

AGUIAR, Moises. **O teatro terapêutico, escritos psicodramáticos**. Campinas: Papirus, 1990.

CELIBERTI, Lilian, 2005. Atores, práticas e discursos da participação. In: TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves (Org.), 2005. **Os sentidos da democracia e da participação**. São Paulo: Instituto Pólis.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. -II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica **Democratização, emancipação e sustentabilidade**, Florianópolis, 28 de maio a 1 de junho de 2012.

GONÇALVES. Camila. Salles. **Lições de psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1988.

PADILHA, Paulo.Roberto. **Currículo Intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORENO, Jacob. Levy. **Psicodrama**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Fundamentos do Psicodrama**. Campinas: Psy, 1984.

NAFFAH, Alfredo. **Descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus, 1989.